



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPOS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

**LAMPIÃO E SEU BANDO NO POVOADO ALTO DOS COELHOS –
ÁGUA BRANCA - AL (1932 Á 1938).**

SIDIJANE SANDES SILVA OLIVEIRA

Delmiro Gouveia/AL

2024

**LAMPIÃO E SEU BANDO NO POVOADO ALTO DOS COELHOS –
ÁGUA BRANCA - AL (1932 Á 1938).**

SIDIJANE SANDES SILVA OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus do Sertão como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Taciane Figueiredo.

Delmiro Gouveia/AL

2024

Folha de Aprovação

SIDIJANE SANDES SILVA OLIVEIRA

**LAMPIÃO E SEU BANDO NO POVOADO ALTO DOS COELHOS
ÁGUA BRANCA - AL (1932 Á 1938).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura de História da Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão aprovado em 06 de Dezembro de 2024

Documento assinado digitalmente



CARLA TACIANE FIGUEIREDO

Data: 13/12/2024 21:50:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Carla Taciane Figueiredo.

Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão
(Orientadora)

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente



MONICA REGINA NASCIMENTO DOS SANTOS

Data: 10/12/2024 18:15:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Regina Nascimento dos Santos

Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão.
(Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente



MARCOS RICARDO DE LIMA

Data: 10/12/2024 10:54:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima

Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão
(Examinador Interno)

LAMPIÃO E SEU BANDO NO POVOADO ALTO DOS COELHOS ÁGUA BRANCA – AL (1932 Á 1938)

Sidijane Sandes Silva Oliveira¹

Carla Taciane Figueiredo²

RESUMO

Esse Artigo tem como objetivo principal refletir sobre as práticas de violência endêmica – crimes de honra, pistolagem e vingança privada – durante a atuação de Lampião e de seu bando em Alto dos Coelhos – Água Branca – AL (1932-1938). Especificamente, a pesquisa se concentrou em · Identificar a atuação de Lampião e de seu bando no povoado Alto dos Coelhos- Água Branca- AL (1932-1938).· Caracterizar as narrativas sobre a atuação de Lampião e de seu bando no povoado Alto dos Coelhos – Água Branca - AL (1932- 1938). Tem como finalidade principal discorrer sobre a violência, regulamentação social e praticas do Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos. Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram a pesquisa exploratória, descritiva e analítica com base em referências bibliográficas e fontes orais, tendo como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas. O fio condutor teórico fundamentou-se em Guimarães (2016), Araújo (2013), Levine (1980), Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011), Eric Hobsbawm (1969) e João de Souza Lima (2020). os resultados apontam para uma marca da violência e do banditismo efetivado por Lampião e seu bando em Alto dos Coelhos – Água Branca – AL, a população tem o medo como sentimento regulador na presença de Lampião no sertão alagoano.

PALAVRAS-CHAVE: história,cangaço,violência.

ABSTRACT

These Article has objective of this research is to reflect on the practices of endemic violence – honor crimes, pistol-whipping and private revenge – during the activities of Lampião and his gang in Alto dos Coelhos – Água Branca – AL (1932-1938). Specifically, the research focused on · Identifying the activities of Lampião and his band in the village of Alto dos Coelhos- Água Branca- AL (1932-1938).· Characterizing the narratives about the actions of Lampião and his band in the village of Alto dos Rabbits – Água Branca- AL (1932-1938). Its main purpose is to discuss violence, social regulation and practices of Lampião and his gang in the village of Alto dos Coelhos. The methodological procedures of the research were exploratory, descriptive and analytical research based on bibliographic references and oral sources, using semi-structured interviews as data collection instruments. The theoretical guiding thread was based on Guimarães (2016), Araújo (2013), Levine (1980), Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011), Eric Hobsbawm (1969) and João de Souza Lima (2020). the results point to a mark of violence and banditry carried out by Lampião and his gang in Alto dos Coelhos – Água Branca – AL, the population has fear as a regulating feeling in the presence of Lampião in the backlands of

KEYWORDS: history, cangaço, violence.

¹ Discente do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas

² Orientadora do artigo, e Prof.^a Dr.^a do curso de história/UFAL/ Campus Sertão.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca explorar, a partir de fontes orais e bibliográficas, as dinâmicas de violência que marcaram o sertão de Alagoas, tomando como ponto de partida a atuação de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos entre os anos de 1932 e 1938. Essa análise não apenas recupera os episódios de brutalidade cometidos pelo líder do movimento do cangaço, mas também reflete sobre um fenômeno social mais amplo: a permanência de um sistema de justiça informal, onde a violência se tornou parte de uma estrutura social complexa e enraizada, sustentada por códigos de honra e práticas comunitárias.

Nesse sentido, os objetivos desse estudo foi analisar a atuação de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos em Água Branca AL, compreendendo como aconteciam os atos de violência e ordens impostas por Lampião e seus homens na comunidade durante o período do cangaço na região. Especificamente, a pesquisa se concentrou em identificar e examinar as motivações e estratégias utilizadas por Lampião e seu bando nas incursões ao povoado, caracterizando as narrativas e analisando relatos e memórias dos habitantes sobre a presença de Lampião, buscando compreender a construção da memória coletiva sobre a atuação de Lampião e de seu bando no povoado Alto dos Coelhos Água Branca - AL (1932 - 1938).

Mais do que simples relatos, os episódios e narrativas revelam como a violência era utilizada como uma ferramenta de controle e uma forma de resolver conflitos sócio econômicos e políticos. Vale ressaltar que trata-se de um cenário onde o Estado raramente tinha influência efetiva. Entretanto, o comportamento de Lampião e seus cangaceiros não se limitava à simples criminalidade, mas estava intimamente conectado a uma lógica de honra e poder típica do sertão. A pistolagem, os crimes de vingança e a noção de justiça por conta própria formavam parte de um direito consuetudinário local, uma espécie de código moral que, embora não formalizado no Código Penal, tinha grande legitimidade entre os sertanejos.

Esses atos violentos eram muitas vezes vistos como formas legítimas de preservar a honra ou vingar ofensas sofridas, numa sociedade onde o cumprimento da lei estatal era frequentemente falho ou ausente. O sertão alagoano, assim como outras regiões do Nordeste, desenvolveu uma cultura particular onde a violência não era apenas um recurso extremo, mas

uma resposta considerada normal dentro de uma lógica de poder, honra e sobrevivência. A permanência dessas práticas reflete uma resistência às normas jurídicas impostas pelo Estado e evidencia o poder que os costumes locais mantêm sobre as estruturas formais de governança. Mesmo com a presença crescente de forças estatais, a violência ainda se apresenta como um mecanismo central para a resolução de conflitos e a manutenção da ordem social no sertão. A investigação tem como finalidade compreender como essas tradições violentas se perpetuaram ao longo do tempo, adaptando-se a novas realidades sociais, políticas e econômicas. A relevância deste estudo está em sua capacidade de analisar as raízes históricas e culturais da violência no sertão de Alagoas e em fornecer uma análise detalhada das estruturas sociais que sustentam essa cultura a partir de uma realidade de estudo local, o povoado Alto dos Coelhos – Água Branca -AL. Embora o Estado tenha se expandido para as regiões mais remotas ao longo das últimas décadas, suas leis e mecanismos de controle ainda encontram resistência em comunidades que preservam seus próprios códigos morais e sistemas de justiça. A pesquisa busca não apenas entender essas práticas do ponto de vista histórico, mas também oferecer contribuições reflexivas para o debate sobre segurança pública e formulação de políticas públicas que respeitem as especificidades culturais da região.

De tal modo que ao refletir acerca das práticas de Lampião e seu bando na região de Alto dos Coelhos – Água Branca – AL (1932-1938), cumpre o preenchimento da lacuna científica e valorização das fontes orais e procedimentos metodológicos fundamentados numa criticidade documental da bibliografia. Em razão da temática utilizar-se de construções discursivas apegadas a memória local, só é possível ser realizada graças ao alargamento de fontes e de abordagens que a Nova História nos fornece.

Por ter caráter narrativo e apoiado na pesquisa bibliográfica e oral, trata-se de analisar a história de fenômeno de exclusão de massas e interrogar-se até que ponto o cangaço é sinônimo de banditismo ou é uma contestação social. Desta forma, o pesquisador em questão utilizou-se de análise documental, bibliográfica e a partir das entrevistas narradas, para ser possível refletir as marcas memoriais que o cangaço deixou no Alto dos Coelhos, bem como as narrativas que circundam a região. A crítica documental será feita com as devidas prioridades, que o tipo de pesquisa a necessita.

Entender essa realidade exige uma abordagem que vá além da simples criminalização da violência. O que se observa no sertão é uma forma de organização social que responde às suas próprias necessidades, onde a violência, em muitos casos, é vista como uma medida de

justiça necessária e até mesmo inevitável. O estudo desmistifica o sertão como um espaço apenas de violência gratuita, mostrando que por trás dessas ações há um conjunto de valores e normas que, embora não codificados em leis, são fundamentais para o funcionamento da vida social na região. Nesse sentido, a pesquisa oferece uma série de contribuições históricas, culturais e sociais.

Em síntese, este estudo demonstra como a cultura de violência persiste no sertão de Alagoas, mesmo diante das tentativas de modernização e institucionalização das práticas de justiça. Ao investigar casos emblemáticos como o de Lampião e a evolução da pistolagem e dos crimes de honra, buscamos lançar luz sobre as formas de resistência cultural que ainda moldam as relações sociais na região. A contribuição final deste trabalho não se limitou a uma análise histórica, mas promoveu um debate sobre memória individual, coletiva e auto-biografia dos sujeitos da pesquisa

2. TRILHANDO ENTRE A HISTORIOGRAFIA E “ ROTAS DO CANGAÇO” EM ALTO DOS COELHOS – ÁGUA BRANCA – AL.

Com surgimento da Escola dos Annales reflete na ruptura com o paradigma dominante até então na historiografia – o Positivismo e o Materialismo Histórico e Dialético. Ambos foram dominantes por sistematizarem a pesquisa social e trazer a cientificidade para o estudo do social. Com isso, as abordagens que antes eram simplesmente descritas pelos historiadores sem a devida criticidade documental, apenas apoiado na veracidade do documento e na construção de narrativas factuais passam por uma ruptura, ou melhor, uma atualização sobre a qual o documento é igualmente importante, embora seu manejo não seja para “provar o passado”, mas tratam-no a partir de uma fonte, um resquícios do passado que traz narrativas e construções discursivas apoiadas na ideologia, sentimentos, predileção e posicionamento dos seus autores.

De modo que a violência do cangaço em pouco diferia das formas “legítimas” de coerção associadas à vida rural no Nordeste. A especificidade de Lampião e de outros cangaceiros não estava no fato de terem valores diversos dos valores dos seus inimigos. Mas no fato de que estes podiam usar a maquinaria da justiça contra eles, obrigando-os a uma vida fora da lei. Conforme observou Robert Levine, o declínio do coronelismo, depois de 1930, acelerou a monopolização da violência nas mãos do aparelho estatal: “os próprios bandos de

cangaceiros serviram como polos de poder armado nas vastidões raramente povoadas que vão do Ceará à Bahia” (LEVINE, 1980, p. 151).

No comando dos bandos, Lampião ressignificou os usos de várias habilidades, configurando uma estética do cangaço. “Germana Araújo”, em *Aparência cangaceira*, explora a hipótese segundo a qual Lampião fez largo uso de sua imagem no âmbito dos bandos, mas, sobretudo, para a sociedade, exercitando a “aparência” enquanto campo simbólico prático no exercício de poder:

Aparência é um termo usado nesta pesquisa não somente para referir-se aos atributos que constituíam a veste, mas, inclusive, pelo engendramento da singularidade da veste com os demais equipamentos expressivos do cangaceiro, tais como o comportamento, o aparato gestual tipificado e os modos de interagir com os demais fora e dentro dos bandos (ARAÚJO, 2013, p. 29).

Singularidades e expressividades como mecanismos de aparição no jogo de poder, constituição de visibilidades, a despeito da necessidade dos esconderijos, os famosos coitos. Entende a autora que “o cangaceiro autêntico não poderia pretender que sua imagem fosse apta para ele esconder-se ou camuflar-se [...] a imagem de Lampião parece ter sido invisível aos olhares dos escritores ligados ao cangaço até meados do século XX” (ARAÚJO, 2013, p. 155). Para uns Lampião foi herói-justiceiro, protetor do povo pobre do sertão. Para outros, bandido da pior espécie, perigoso e sanguinário. O fato é que Lampião conseguiu ser um ícone dos dois extremos, uma façanha dada a poucos, e que de certa forma justifica a curiosidade que o seu nome, até hoje, suscita nas pessoas.

2.1 O Povoado Alto dos Coelhos em perspectiva: O cangaço como Ferramenta Controle e Poder.

A fundamentação teórica tem como fio condutor alguns artigos científicos e com mais profundidade a obra do autor João de Souza Lima, com base em resultados de leituras e em pesquisas relacionadas ao assunto. A reflexão sobre a atuação de Lampião e de seu bando, e por onde passou no povoado Alto dos Coelhos, explicitam código ilegítimo de regulamentação mediadas pelo medo diante daquela população que era obrigada a cumprir as ordens do cangaceiro caso contrário sofreria consequências do mesmo.

Análise da atuação de Lampião e seu bando no Nordeste brasileiro, especialmente no povoado Alto dos Coelhos entre 1932 e 1938, requer uma abordagem que considere o contexto histórico, social e cultural do cangaço, um fenômeno multifacetado que desafiou as normas sociais e políticas da época.

O cangaço é um fenômeno profundamente enraizado nas condições econômicas, sociais e políticas do sertão nordestino, que se desenvolveu no final do século XIX e perdurou até meados do século XX. Segundo Queiroz (2010), o cangaço deve ser compreendido como uma forma de banditismo social resultante das desigualdades sociais extremas e das condições adversas de vida na região. Os cangaceiros surgiram como figuras de resistência contra a opressão das elites rurais e a negligência do Estado, em um cenário marcado pela seca, pela pobreza e pela exploração do trabalho agrário.

Para Albuquerque Júnior (2011), o cangaço também se insere em um contexto de conflito entre os coronéis grandes proprietários de terra que exerciam poder quase absoluto em suas regiões e o poder central, que buscava consolidar seu controle sobre o território nacional. Os cangaceiros, como Lampião, frequentemente navegavam esses conflitos, ora atuando como mercenários para os coronéis, ora como opositores ao poder local e Estadual.

A violência é um elemento central na narrativa do cangaço e na atuação de Lampião e seu bando. No entanto, a violência dos cangaceiros deve ser contextualizada dentro de uma sociedade onde a brutalidade era uma prática comum tanto entre os bandos armados quanto entre as forças policiais e os fazendeiros. Hobsbawm (1969) argumenta que os chamados "bandidos sociais", como Lampião, muitas vezes operavam em zonas de ambiguidade moral, onde suas ações violentas podiam ser vistas tanto como atos de banditismo quanto de resistência.

Guimarães (2016) ressalta que a violência do cangaço, embora muitas vezes extrema e aparentemente arbitrária, servia a propósitos específicos: a obtenção de recursos (como dinheiro e alimentos) e a manutenção do controle sobre as áreas onde operavam. Os cangaceiros, ao impor medo e terror, garantiam sua sobrevivência em um ambiente hostil e reforçavam sua autoridade. Esse uso estratégico da violência é evidente nos relatos de extorsão e tortura praticados por Lampião e seus homens no povoado Alto dos Coelhos, como narrado por João de Sousa Lima (2020), que detalha a brutalidade com que Lampião lidava com aqueles que não cumpriam suas exigências.

2.1.1 Cangaço como Fenômeno Cultural e Símbolo de Resistência.

Além de um movimento de resistência armada, o cangaço também representava um fenômeno cultural que refletia e influenciava as identidades sertanejas. De acordo com Bessa (2010), a figura de Lampião e seus cangaceiros encarnava uma resistência simbólica à

modernização forçada e à perda de autonomia das comunidades rurais. Lampião se tornou uma figura mítica, simbolizando tanto a coragem e a bravura quanto a violência e o terror.

Martins (2018) explora como a memória do cangaço foi construída e reconstruída ao longo do tempo, tanto em narrativas orais quanto na literatura de cordel, na música e no cinema. Essas representações multifacetadas criaram uma imagem complexa de Lampião, visto ora como um herói popular, ora como um vilão sanguinário. Para Martins, essa dualidade é uma manifestação das tensões e contradições da própria sociedade nordestina, dividida entre o respeito pela tradição e a busca por modernidade e progresso.

3. PERCURSOS METODOLOGICOS NA COMPREENSÃO DO CANGAÇO EM ALTO DOS COELHOS – ÁGUA BRANCA – ALAGOAS.

O estudo do cangaço, especificamente a atuação de Lampião e seu bando, exige uma abordagem interdisciplinar que incorpore história, antropologia, sociologia e estudos culturais. A pesquisa realizada seguiu uma linha, combinando métodos de história oral e análise documental para capturar as complexas narrativas sobre o cangaço e sua memória. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

A história oral é particularmente valiosa para este tipo de estudo, pois permite acessar as vozes e as memórias dos habitantes locais, que muitas vezes são excluídos dos relatos oficiais. De acordo com Portelli (1997), a história oral não busca apenas recuperar fatos históricos, mas também compreender como esses fatos são lembrados, interpretados e narrados pelas comunidades. Isso é crucial para o estudo do cangaço, onde as histórias de Lampião e seu bando são entrelaçadas com mitos e lendas populares, refletindo tanto a realidade histórica quanto as percepções culturais.

As questões norteadoras da pesquisa estão vinculadas a formação de narrativas locais e das interpretações locais acerca do cangaço. Isto é, a pesquisa busca empreender como essas narrativas foram tecidas e como são partilhadas. Certamente, as histórias são passadas de geração e vinculam-se as falhas de memória, mas a pretensão está vinculada a entender como essas histórias são veiculadas, de que maneira compõe o imaginário social do Alto dos Coelhos. Acerca das fontes, a pesquisa bibliográfica foram importantes tal como a utilização da História Oral para dar instrumentalidade a transcrição das narrativas presentes no povoado Alto dos Coelhos.

Ao escolher o tema que é A atuação de Lampião e seu bando no Povoado Alto dos Coelhos – Água Branca - AL, a primeira dificuldade foi não conseguir concluir a

pesquisa por falta de fontes bibliográficas, e principalmente fontes orais. mas ao fazer uma pesquisa encontrei o autor João de Sousa Lima, com a sua obra que tem por título: Terra de brava gente “resquícios de histórias cangaceiras” onde no segundo capítulo desse livro tem relatos sobre a violência praticada por Lampião e seu bando no Povoado Alto dos Coelhos. O autor relata que nesse tempo esse povoado ainda era um logradouro. A obra do autor João de Sousa Lima foi muito importante para eu pudesse concluir a minha pesquisa, pois nesse livro encontrei relatos muito interessantes que conta a passagem de Lampião e seu bando, no hoje conhecido como Distrito Alto dos Coelhos.

Do ponto de vista econômico daquela época a situação da população do povoado era de pobreza e o trabalho do povo era intensamente explorado. O sofrimento das famílias se tornava maior nos períodos de seca, que atrapalhava a colheita e piorava o sustento via agricultura, a sorte dessa gente era a criação de animais. Foi nesse cenário propiciava o surgimento do banditismo, e foi exatamente assim que o cangaço se consolidou atuando também nessa região em busca de animais para consumo no caso de cabras e ovelhas dos moradores da região.

Refletir sobre a atuação de Lampião e de seu bando nessa localidade é propor uma reflexão sobre o que aconteceu no passado em um âmbito onde as discussões sobre as violências cometidas por Lampião e seu bando sejam jamais esquecidas, onde naquela época a população daquele povoado e localidades próximas vivenciou as atrocidades do rei do cangaço.

Esta fundamentação teórica contextualiza a atuação de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos dentro de um quadro mais amplo de resistência, violência e cultura no Nordeste brasileiro. O cangaço é visto não apenas como um fenômeno de banditismo, mas como uma resposta complexa às condições socioeconômicas e políticas da região, e como uma forma de resistência cultural. Ao integrar diferentes abordagens teóricas e metodológicas, esta pesquisa busca oferecer uma compreensão mais profunda e matizada do cangaço e de sua influência duradoura na história e na cultura do Nordeste.

Nesse sentido o percurso teórico foi fundamental tendo em vista se tratar de uma pesquisa exploratória bibliográfica tendo como autores principais: Guimarães (2016), Araújo (2013), Levine (1980), Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011), Queiroz (2010), Eric Hobsbawm (1969) e João de Souza Lima (2020).

3.1 Produzindo os dados sobre a presença de Lampião em Alto dos Coelhos – Água Branca – AL.

A metodologia utilizada nesta pesquisa combina abordagens qualitativas por meio de fontes orais e bibliográficas, buscando compreender a atuação de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos entre 1932 e 1938. A partir de relatos de moradores locais e da análise de obras como "Terra de Brava Gente", de João de Souza Lima, foi possível reconstruir episódios marcantes dessa época, destacando não apenas os fatos históricos, mas também a memória coletiva que circunda esses eventos.

O uso da história oral permite acessar narrativas que muitas vezes não estão registradas em documentos formais, capturando a vivência e a percepção da comunidade afetada pelas ações dos cangaceiros. Essa técnica valoriza a interpretação subjetiva dos eventos, revelando como os moradores reinterpretaram, ao longo do tempo, episódios de violência e resistência. Além disso, as entrevistas possibilitam identificar nuances culturais e sociais que ajudam a contextualizar o impacto do cangaço na região.

A análise documental segue uma abordagem crítica, considerando as fontes como construções discursivas influenciadas pelos valores, ideologias e intenções de seus autores. Essa perspectiva evita uma leitura puramente factual e busca compreender os relatos como peças que compõem uma narrativa histórica mais ampla. A interdisciplinaridade é um aspecto chave da metodologia, com aportes da antropologia, sociologia e história, que enriquecem a análise do cangaço como fenômeno cultural e político.

Outro ponto relevante da metodologia foi a comparação contextual, na qual as práticas de violência e poder de Lampião são analisadas em paralelo a outras manifestações da época, como o coronelismo e a atuação das forças estatais. Essa abordagem ajuda a identificar padrões e diferenças, permitindo compreender como os cangaceiros navegavam pelas estruturas sociais e econômicas do sertão, adaptando-se às dinâmicas locais.

A pesquisa em questão adota o método dedutivo, partindo de reflexões gerais sobre o cangaço e suas implicações sociais, para então aprofundar casos específicos registrados nas fontes orais e bibliográficas. Esse método facilita a construção de um arcabouço teórico que dialoga com a realidade do Alto dos Coelhos, oferecendo uma análise crítica e fundamentada sobre a atuação de Lampião e a influência duradoura do cangaço na memória e cultura local. Assim, a metodologia empregada não apenas resgatou a história de uma época marcada pela violência, mas também promoveu uma reflexão sobre os valores e as resistências culturais que ainda permeiam a região.

O objetivo na utilização desses instrumentos de produção de dados pesquisa foi demonstrar a partir de fontes orais e bibliográficas, o modo como Lampião e seu bando

atuaram no Povoado Alto dos Coelhos, nos anos de 1932 a 1938, onde nesse local o passado, foi palco de muita violência e crueldade por parte de Lampião e seu bando.

O texto relatou algumas dessas histórias daquela época de alguns moradores locais. Um desses relatos de violência aconteceram com alguns moradores do povoado Alto dos Coelhos, João Coelho o qual foi torturado brutalmente pelos homens de Lampião por não entregar uma quantia pedida por Lampião, o qual era grande criador de animais, e trabalhavam na agricultura. O mesmo depois de tanta crueldade, faleceu dias depois em pedra de Delmiro Gouveia. As possibilidades análise comparativa neste caso pode ocorrer na escolha de outra fonte e de uma outra realidade, que tenha sido marcada pela constante violência cometida por Lampião e pelos cangaceiros de modo que venha a construir as semelhanças e divergências presentes em cada qual, entretanto não foi possível efetivar. Teriam, assim, por finalidade indicar se as práticas de violência eram parecidas, iguais ou distintas, se havia um motivo para a resposta anterior, de que modo cada sociedade analisada se portava frente a isso, se havia simpatia à eles e quais motivos poderiam ser levantados possibilidades essa a ser refletido em outros artigos posterior.

O presente estudo foi escrito e concluído com base na Obra do Autor João de Souza Lima. “Terra de brava gente”: resquícios de histórias cangaceiras, e alguns artigos científicos, somado a entrevistas gravada e transcritas sobre Lampião no Alto dos Coelhos, história oral contada pelo Sr. Aldirio Gomes, neto de Ernesto Gomes (coiteiro de Lampião). Para Caracterizar o sujeito da pesquisa podemos afirmar que o Sr. Aldirio é morador local do povoado Alto dos Coelhos, e sempre conta essas histórias, segundo ele aprendeu com seu Avô Ernerto. Portanto a pesquisa foi utilizada tanto fontes bibliográficas, como fontes orais. Este tipo de pesquisa é importante pois contribui para a discussão da realidade, levanta hipóteses sobre temas que fazem parte do cotidiano e que necessitam de vários olhares.

3.2 Alguns Autores e suas Contribuições.

Também recorremos para a realização desse trabalho a reflexão de algumas citações e obras de autores como: Levine (1980), Araújo (2013), Clemente (2007), Aléssio (2004) e Chizzotti (2010). Na visão deles, o Cangaço foi um fenômeno ocorrido no Nordeste do Brasil por volta do século XIX e perdurou até início do século XX e, que teve sua gênese em questões sociais e também fundiárias do nordeste brasileiro, caracterizando-se por atitudes e acontecimentos violentos de grupos e até de indivíduos isolados.

Clemente (2007), investiga a construção mística em torno de Lampião, abordando como oficiais e soldados das forças volantes viam o líder cangaceiro como uma figura carismática e quase mítica, com habilidades sobrenaturais e proteções mágicas. Segundo ele:

O cangaço desse período é definido na literatura para referir-se ao bandido que vive debaixo da canga, o complexo de armas sobrepondo-lhe o corpo, mas principalmente para referir-se a um modo específico de ação independente, em que o cangaceiro estaria subordinado apenas ao seu bando (CLEMENTE, 2007).

Para Aléssio (2004), “o cangaço é uma forma de banditismo social característica do Nordeste brasileiro, que surgiu entre 1870 e acabou em 1940. Tem como uma de suas causas principais a crise econômica pela qual passavam as cidades do interior”. A pesquisa realizada teve como base o método dedutivo pois a intenção foi realizar uma reflexão sobre o cangaço e pesquisas já realizados sobre o tema e propor novas reflexões, fomentar novas questões a serem respondidas. Este tipo de pesquisa é importante pois contribui para a discussão da realidade, levanta hipóteses sobre temas que fazem parte do cotidiano e que necessitam de vários olhares.

Chizzotti (2010:11) coloca que para atividade da pesquisa:

O investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. (CHIZZOTTI, 2010, p.11).

A citação de Chizzotti (2010) destaca uma visão essencial sobre o papel do investigador no processo de pesquisa. Essa perspectiva enfatiza a relação dinâmica entre observação, reflexão e ação prática, sugerindo que o pesquisador não atua de maneira isolada ou puramente teórica, mas como um agente que interage com o mundo para compreendê-lo e transformá-lo.

3.3. – Conclusão Metodológica.

Para a realização e elaboração deste trabalho tomei como ponto inicial a produção do conhecimento histórico, que foram as fontes como documentos escritos e registros orais, com isso foi possível fazer uma análise dessas fontes as quais foram essenciais para garantir a autenticidade e a precisão das informações. E é através de fontes que os historiadores situam dentro de um contexto histórico específico envolvendo entender o período, a cultura e as circunstâncias em que as fontes foram produzidas. A interpretação dessas fontes é um processo subjetivo, onde o historiador busca entender os significados e as implicações dos eventos registrados requerendo uma análise cuidadosa e a consideração de múltiplas perspectivas.

A pesquisa histórica deve seguir métodos rigorosos, incluindo a crítica das fontes, a comparação de diferentes relatos e a construção de narrativas coerentes, com isso, um trabalho bem realizado começa com a identificação de questão ou problema específico a ser investigado, isso pode envolver a exploração de um evento, período ou figura histórica.

Portanto a revisão da literatura existente é crucial para situar a pesquisa dentro do campo de estudo e identificar lacunas no conhecimento, ajudando a formular hipóteses redirecionando a coleta de dados e a coleta de fontes históricas, são relevantes e guiadas pela questão de pesquisa. A análise das fontes envolve a crítica das evidências, a identificação de padrões e a construção de interpretações fundamentadas, sua interpretação deve ser introduzida e baseada em evidências sólidas. A construção de uma narrativa histórica coerente é o resultado final do processo de pesquisa que deve responder à questão de pesquisa e contribuir para o entendimento do tema estudado. Com isso o processo de produção de um trabalho deve ser complexo envolvendo várias etapas como a análise crítica das fontes e a contextualização dos eventos construindo narrativas bem fundamentadas são para o avanço do conhecimento histórico.

O estudo de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos foi conduzido a partir de uma metodologia interdisciplinar, que integrou elementos da história oral, análise documental e interpretação sociocultural. Essa abordagem possibilitou não apenas reconstruir eventos históricos, mas também explorar as percepções e memórias da comunidade local acerca do cangaço. A análise documental revelou uma narrativa multifacetada, evidenciando tanto os registros oficiais quanto relatos informais que desafiam as visões hegemônicas sobre Lampião. Paralelamente, as entrevistas com moradores e descendentes permitiram acessar memórias coletivas e simbologias que permanecem vivas no imaginário popular. Essa combinação metodológica não apenas ampliou a compreensão do impacto de Lampião em Alto dos Coelhos, mas também resgatou vozes que frequentemente são marginalizadas nos estudos históricos tradicionais.

Por fim, os resultados destacam a necessidade de revisitar a história do cangaço sob perspectivas locais, contextualizadas e inclusivas. Essa abordagem não só enriquece a historiografia, mas também valoriza a memória cultural e a identidade das comunidades que vivenciaram, direta ou indiretamente, esse fenômeno. Busquei construir um arcabouço teórico inicial que fundamenta se minha pesquisa a partir de reflexões descritivas sobre o tema proposto. Essa metodologia permitiu uma análise sobre Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos (1932 á 1938).

4. NARRATIVAS QUE SE ENTERCRUZAM COM A MEMÓRIA E VIOLÊNCIA NO POVOADO ALTO DOS COELHOS - ÁGUA BRANCA – AL.

Um dos relatos mais significativos que emergem dessa memória coletiva envolve João Coelho e sua esposa, Maria Alves dos Santos. Criadores de animais e agricultores, o casal sofreu nas mãos do bando de Lampião após não conseguir reunir a quantia exigida pelo cangaceiro. O episódio, que culminou na tortura de João Coelho em frente aos seus filhos, ilustra a dinâmica de medo e opressão imposta pelos cangaceiros e é um exemplo de como a violência permeava as relações sociais e econômicas da época.

Um desses relatos de muita violência aconteceu com um casal morador do Alto dos Coelhos, os mesmos eram grandes criadores de animais e cultivavam feijão, milho, arroz etc. Durante o ano de 1932 segundo o autor João de Souza Lima, os cangaceiros estavam nas fazendas aos arredores do povoado nesse período Alto dos Coelhos ainda era um logradouro pertencente a cidade de Água Branca, Alagoas. Lampião mandou alguns cangaceiros do seu bando, irem a casa do casal João Coelho e Maria Alves pedir 200 mil reis, mas por não ter essa quantia no momento João Coelho pediu ao cangaceiro que falassem para Lampião que depois ele daria os 200 mil reis.

Ao chegar o dia combinado o casal não estava mais morando na fazenda e tinham se mudado para a Pedra hoje Delmiro Gouveia, mas alguns dias depois o casal volta a residir na fazenda no Alto dos Coelhos, e Lampião ao saber manda dois de seus cangaceiros pegar o dinheiro na casa de João Coelho, mas nesse dia o mesmo não estava em casa, só tinha uma das filhas dele dando comida ao gado, o pai da moça “João Coelho” estava no roçado, a filha do mesmo deu um jeito e conseguiu avisar ao pai que vinha da roça que os cangaceiros de Lampião o esperava em casa o mesmo com medo de possível encontro foge, os cangaceiros esperaram ele até a noite e o mesmo não chegou, ao voltar para o “coito” (lugar onde os cangaceiros se reuniam), contaram para Lampião o acontecido e o mesmo ficou com muita raiva pediu para alguns dos seus homens vigiarem a casa de João Coelho e descobrir quando o mesmo voltava para casa.

Depois de alguns dias escondido João Coelho retornou a sua casa, ao saber de seu retorno, Lampião mandou Luiz Pedro (cangaceiro de confiança), e alguns dos seus homens irem até a casa de João Coelho, era um dia de sexta feira a esposa de João Coelho tinha ido para uma missa do coração de Jesus em Água Branca. João tinha conseguido o dinheiro pedido por Lampião e escondeu atrás de um quadro e pediu para a sua esposa não pegar o dinheiro pois ele iria pagar a Lampião. Luiz Pedro que era um dos homens de confiança de Lampião cercou com seus capangas a casa de João Coelho, onde o mesmo não pode escapar, ao ver João Coelho, o capanga de Lampião Luiz Pedro pergunta pelo dinheiro que Lampião

tinha pedido e ele não mandou, e o mesmo falou que o dinheiro está atrás do quadro, mas quando foi pegar o dinheiro não estava mais no local, a sua esposa tinha escondido em outro lugar e não comunicou a, João o local onde tinha guardado.

João Coelho falou que não sabia onde sua esposa tinha colocado a quantia, e os cangaceiros começaram a revirar toda a casa, perguntando para ele onde estava o dinheiro enquanto alguns procuram o dinheiro outros cangaceiros torturavam João Coelho perfurando com um punhal o seu abdome e suas costas, depois de muita procura um dos cangaceiros ao bater na parede encontrou um tijolo fofo e ao retirar encontrou um garrafão de Louça cheio de moedas e joias de ouro, e na sala onde estavam torturando João em baixo da mesa ao retirar um tijolo encontraram o dinheiro escondido pela sua esposa, João Coelho foi torturado na presença de três filhos que ainda eram crianças, ao encontrarem o dinheiro os cangaceiros pararam de torturar João Coelho e foram embora deixando o mesmo todo ensanguentado, as crianças pediram ajuda para os vizinhos para socorrem seu pai. Ao chegar de Água Branca a mulher de João Coelho levou o mesmo para o médico em Pedra de Delmiro Gouveia, mas por ter sido muito torturado o mesmo não resistiu e faleceu dias depois.

Outro acontecimento que foi relatado pelo autor João de Sousa Lima em seu livro que tem por título: Terra de brava gente é a passagem de Lampião no povoado Alto dos Coelhos tem por título Caldeirão da Januária: coito de Lampião no povoado Alto dos Coelhos Água Branca Alagoas, onde o mesmo relata que em um dos caminhos que fazia ligação entre Água Branca e Pedra de Delmiro Gouveia passava no Alto dos Coelhos e passava também pela Cachoeirinha localidade próxima do Alto dos Coelhos, nessa época Cachoeirinha, era um pequeno povoado onde Lampião também passou por lá deixando medo e pânico aos moradores, lá ele tinha alguns coiteiros (homens de sua confiança), onde Lampião se escondia por lá, mas que hoje em dia, só mora uma família. Nessa trajetória entre Cachoeirinha, Alto dos Coelhos e Pedra de Delmiro tinha o caldeirão da Januária que nada mais era do que um buraco esculpido naturalmente em uma pedra, onde juntava água da chuva e servia para matar a sede de quem por ali passava principalmente Lampião e seu bando.

Nesse período a polícia (volante), passava pelo povoado Cachoeirinha em perseguição a Lampião e aos cangaceiros, e distribuía armas sem saber para os “coiteiros de Lampião” (homens de confiança), com o intuito que os mesmos matassem os cangaceiros que por ali passassem. Ao saber desse acontecimento Lampião mandou chamar um dos coiteiros de nome Ernesto para encontra com ele no caldeirão da Januária, o rapaz foi ao encontro de Lampião e o mesmo perguntou se o rapaz estava contra ele, e Ernesto falou que nunca iria perseguir cangaceiros, tudo ficou bem pois Lampião confiou na palavra de Ernesto.

Depois de algum tempo a polícia prendeu o cangaceiro de Lampião de nome Santo, que era sobrinho de Ernesto, ao saber da prisão de Santo, Ernesto fugiu para Juazeiro do padre Cicero, com medo que Santo o denunciasse para a polícia, que Ernesto era coiteiro de Lampião. Dias depois a fuga de Ernesto, sua esposa de nome Rosa Maria da Conceição saiu com seus dois filhos pequenos e o seu amigo Nezinho Pedrão, que foram pegar um bode que estava próximo do caldeirão da Januária e lá encontraram um cangaceiro de Lampião que perguntou o que eles estavam fazendo lá e eles responderam que foram buscar um bode, pois nesse período os animais eram criados soltos na caatinga, e o cangaceiro os levou até Lampião que perguntou a dona Rosa: cadê Ernesto? Dona Rosa respondeu que seu marido tinha fugido pra o Juazeiro do padre Cicero, mas que falou pra polícia que tinha ido comprar animais na Bahia, ao saber da prisão de Santo e da fuga de Ernesto, Lampião entendeu que ficaria mais difícil para ele e seu bando permanecerem próximo da Cachoeirinha do caldeirão da Januária e o mesmo partiu com o seu bando para outros lugares.

4.1 HISTORIOGRAFANDO OS RELATOS ORAIS ORIUNDO DAS ENTREVITAS.

4.1.1 Caldeirão da Januária, Lampião na ponte do talhado e a prisão de Santo.

Segundo o Sr. Aldiro³ o caldeirão da Januária era um local de pedra que armazenava água da chuva, e era um ponto de encontro de Lampião e de seus coiteiros. (homens de sua confiança), esse ponto de encontro se localizava próximo ao povoado Alto dos coelhos. Quando alguém recebia o aviso de Lampião, para dar o recado dos acontecimentos era lá o local indicado. Quem iria até lá tinha que ir disfarçado para não chamar atenção de ninguém e muito menos da polícia. (volante). Tinha também outros pontos de encontro como o azedém e o moro do urubu próximo do povoado Alto dos Coelhos.

Aí o cara (morador local) que ia dar o recado se por acaso encontrar se com a polícia, era pra não deixar suspeitas, e vestia o jaleco de couro, quer dizer, um Jibão como se fosse atrás de gado, atrás de cabra e ovelhas. Aí passava pela polícia e era interrogado para onde estava indo e tinha o risco que a polícia desconfiasse, se o cara caísse em contradição, aí o pau quebrava (apanhava). Tudo era bem planejado por Lampião que sempre conversava com seus coiteiros a respeito da polícia, e quando aquela pessoa era acreditada Lampião confiava.

³ Sr. Aldiro Entrevistado/ contador de história local e de relatos verídicos a respeito do cangaço.

Segundo o Sr. Aldiro Lampião quando passou pertinho da estação do trem do talhado, deixou duas marcas de bala na ponte do talhado (em Delmiro Gouveia) chamada de ponte preta. Tem gente que diz que é mentira que Lampião não deixou marca de bala na ponte, porque quem me contou foram várias pessoas que conheciam a história e estava lá a prova. É pertinho da estação. Como que ele atirou do lado, num ângulo mais ou menos de 45 graus. Ele atirou com o fuzil e mostrou a Santo (cangaceiro). Santo é filho de Mocinha e Barra Nova (cangaceiro) seu padrasto. Quando ele estava no canganço tinha a idade de 14 para 15 anos. Lampião deixava as mulheres com o cangaceiro Santo escondidas, e Lampião saía, e quando chegava, estava o Santo “Menino com fuzil na mão”.

Quando a polícia prendeu Santo, ele tinha ido buscar um perfume para Lampião. Santo foi para Delmiro e lá recebeu o perfume. Mas acho que ali foi uma emboscada que armaram para ele, e Santo nem confiou, e desviou do caminho que ia pelo Bom Jesus e veio pelo caminho em direção ao Alto dos Coelhos. E a polícia estava esperando ele que estava tudo na emboscada aí pegaram o Santo que ele vinha por dentro do mato. Lampião sempre alertava Santo a olhar sempre no caminho os rastros e se estiver rastros dentro do mato pisando não siga. Eu acho que ele não prestou atenção e veio assoviando que chamou atenção da polícia que o prenderam e amararam levando para a delegacia em Água Branca.

4.1.2 Lampião em passagem pelo Alto dos Coelhos, prisão de Santo, e fuga de Ernesto e Cazuza para o Ceará.

Segundo o Sr. Aldiro, Lampião e seu bando em passagem pelo Alto dos coelhos estavam a procura de Ernesto (coiteiro de Lampião), em um local (Ponto de encontro), os cangaceiros estavam espalhados de um canto para o outro (fazendo segurança do local). Um desses cangaceiros o Barra Nova falou: Capitão o Ernesto chegou.

Lampião disse: tragam para cá. Lampião estava em um lugar seguro. A primeira coisa que ele fez, botou cachaça em um copo para eles, pois tanto Lampião como Ernesto eram amigos. Aí, tomaram as doses de cachaça, em seguida Lampião disse: Mas Ernesto! estou sabendo que você está com as armas para atirar em nós aqui? Ernesto respondeu! que é isso capitão somos amigos respondeu Ernesto com espanto. Jamais iria fazer uma coisa dessas, não capitão. Aí, todos deram uma gargalhada. Lampião estava apenas brincando com Ernesto seu coiteiro. (homem de confiança na região do Alto dos Coelhos).

Segundo o Sr. Aldiro o Ernesto (coiteiro de Lampião e morador do Alto dos Coelhos), era quem passava as informações dos acontecimentos da localidade, inclusive sobre a passagem da polícia que estavam a procura de Lampião e de seu bando. Lampião era bem informado por Ernesto de tudo que acontecia.

Quando a polícia, soube, que o Ernesto estava do lado de Lampião, foram a procura dele não o encontrando em casa, revoltados arrancaram os paus de cerca, em frente da casa e queimaram. Mas, antes disso, o Ernesto falou para Lampião, nós estamos usando bala para dizer que simularam tiroteio caso a polícia perguntasse. Naquela época a polícia sempre orientava usar arma para se defender de uma possível invasão dos cangaceiros. Ernesto sabia conversar e Lampião deu aquela história caso alguém pergunta se era pra andar armado para defender dos cangaceiros. Aí, o que é que faziam (alguns moradores inclusive o Ernesto) tinham que ir para treinar a pontaria, e amarravam o cordão, penduravam um queijo como alvo amarrado no cordão.

Quem derrubasse no tiro, o queijo, ganhava o queijo. Eles atiravam bem. Quando a polícia pegaram o Santo (homem de confiança de Lampião), o Santo descobriu tudo. Santo falou para polícia que Ernesto era coiteiro de Lampião, o Ernesto se mandou (foi embora) ele e alguns amigos como Louzinho. Ernesto tinha um terreno lá na Serra do Estreito, que era do pai dele, e morava um irmão dele lá.

Quando a coisa apertou, ou seja, a polícia atrás de mais informação a respeito de Lampião o Cazuzu (coiteiro de Lampião) e amigo de Ernesto foi para a Serra do Estreito também, chamada Serra da Queimada. Aí ficava lá. Deixa que lá, na Serra da Queimada, tinha outro Cazuzu, que era de lá da serra. E a polícia, quando pegou o Santo, só descobriu quem era Cazuzu. Aí disse onde Cazuzu estava. Aí, a polícia foi lá. O Cazuzu que a polícia encontrou que era da região, e a polícia deitou o pau. A mulher do rapaz presenciou o marido apanhando por engano. E o Cazuzu (o qual a polícia estava a procura), escutou o barulho das agressões. E imediatamente, o verdadeiro Cazuzu (o qual a polícia estava sua procura) só deu o tempo pegar uma rede, um chinelo, farinha e um pedaço de carne, desceu de serra abaixo, e foi embora em busca de Pernambuco. Ernesto também com medo da polícia foi embora e saiu a procura do amigo Cazuzu, ele falou assim: “e vai ligeiro” o rastro dele que ele está pisando, “está andando ligeiro” (com pressa).

Aí, ele falou, “ligeiro, ligeiro” chegando a frente, entrou para dentro do mato. O Ernesto, nunca perdia um rastro de gado, “imagina de gente”. Então, o encontrou Cazuzu, dentro de uma moita de cururú (mato), na beira de um riacho, muito cansado, com a redinha

na cabeça dormindo. Ao encontrar com o amigo Cazuzo, Ernesto e ele foram para o Juazeiro do Norte no Ceará, com medo de que a polícia os prendessem como fizeram com o Santo (coiteiro de Lampião). E Santo não teve a mesma sorte que Ernesto e Cazuzo. Santo ficou preso na delegacia de Água Branca. Deus ajudou, que o finado Kinca Gomes (morador da cachoeirinha próximo do Alto dos Coelhos) tinha muita amizade com o Doutor Miguel Torres, que ele era o juiz de direito na época, Doutor Miguel, era filho do Barão de Água Branca.

Sendo assim, o finado Kinca Gomes, gente que tinha palavra tinha crédito. Fez um acordo e a única opção era colocar Santo na polícia como forma de pagar suas dívidas com a justiça. Como Santo era homem de confiança de Lampião e sabia por onde os cangaceiros andavam, o acordo foi esse que Santo ajudasse capturar Lampião que sua dívida perante a justiça seria paga. Anos depois, com a ajuda de Santo, Lampião e seu bando foram mortos pela polícia (volante) no dia 28 de julho de 1938 na Grota do Angico, em Sergipe.

Essa produção de dados explicita a relação explícita com banditismo, a violência e atos de subjugação a uma legislação própria fundamentada em uma ordem própria estabelecida pelos ditames de Lampião e seu bando. O autor João de Souza Lima explicita outros relatos que marcam a passagem de Lampião pelo povoado de Auto dos Coelhos que referendam a narrativas expostas acima.

4.1.3 Relato 1: Autor João de Souza Lima: Violência sofrida por João Coelho e sua família nas mãos dos cangaceiros de Lampião em 1932, no povoado de Alto dos Coelhos, Água Branca – AL.

A história de João Coelho e Maria Alves dos Santos:

Local: Fazenda no Alto dos Coelhos, pertencente à cidade de Água Branca, Alagoas (1932).

Protagonistas: João Coelho e sua esposa Maria Alves dos Santos, ambos criadores de animais e agricultores.

Contexto: Lampião, temido líder do cangaço, estava extorquindo dinheiro dos moradores locais. Ele exigiu 200 mil réis de João Coelho.

Pedido de resgate: Lampião envia cangaceiros para exigir 200 mil réis de João Coelho, que não tinha o valor na ocasião. Ele promete pagar depois.

Mudança temporária: João e Maria se mudam para Pedra (Delmiro Gouveia), mas voltam para a fazenda algum tempo depois.

Tentativa de fuga: João Coelho foge ao saber que os cangaceiros voltaram para cobrar a dívida, mas sua filha avisa sobre a presença deles na fazenda. João se esconde e não retorna até que os cangaceiros desistam.

Nova visita dos cangaceiros: Lampião, furioso pela fuga de João, manda Luiz Pedro, seu homem de confiança, à fazenda. João Coelho tem o dinheiro escondido, mas sua esposa esconde a quantia em outro lugar sem avisá-lo.

Violência sofrida:Tortura: Os cangaceiros começam a torturar João Coelho com punhais, perfurando seu abdome e costas, diante de três filhos pequenos.

Descoberta do dinheiro: Após revirem a casa, os cangaceiros encontram o dinheiro e jóias escondidas pela esposa de João.

Resultado: João é gravemente ferido, mas sobrevive momentaneamente. Sua esposa o leva para atendimento médico, mas ele não resiste e falece dias depois.

4.1.4 relato 2: Autor João de Souza Lima: O caldeirão da januária e a fuga de Ernesto.

Local: Caminhos entre Alto dos Coelhos e Pedra de Delmiro Gouveia, incluindo a localidade de Cachoeirinha e o "caldeirão da Januária".

Protagonistas: Lampião, Ernesto (coiteiro de Lampião) e Rosa Maria da Conceição (esposa de Ernesto).

Contexto: Lampião mantinha pontos de apoio em povoados como Cachoeirinha e Alto dos Coelhos. Ernesto era um de seus coiteiros (aliados que ofereciam apoio logístico ao bando).

Perseguição da polícia: Volantes da polícia distribuía armas para os coiteiros sem saber que eram aliados de Lampião. Ao descobrir, Lampião se encontra com Ernesto para garantir sua lealdade.

Fuga de Ernesto: Após a prisão de Santo, sobrinho de Ernesto e membro do bando de Lampião, Ernesto foge para Juazeiro do padre Cícero, temendo ser denunciado.

Confronto de Rosa Maria: Lampião confronta a esposa de Ernesto, Rosa Maria, que está buscando um bode perto do caldeirão da Januária. Rosa confirma a fuga do marido para Juazeiro.

Decisão de Lampião: Percebendo que a região ficou perigosa devido à fuga de Ernesto e à presença da polícia, Lampião decide deixar o local com seu bando.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estudo sobre a atuação de Lampião e seu bando no Povoado Alto dos Coelhos (1932 á 1938), revelou a complexidade das interações entre os cangaceiros e a população local, bem como o impacto significativo desse fenômeno no tecido social, cultural e histórico da região. A pesquisa evidenciou que a presença de Lampião e seu grupo transcendeu a violência e o banditismo frequentemente associados ao cangaço, refletindo uma dinâmica de poder e resistência que permeava o sertão nordestino no início do século XX. A análise documental, aliada aos relatos orais, demonstrou que o bando de Lampião não era percebido apenas como uma força opressora, mas também como um elemento que, em determinados contextos, desafiava as elites locais e suas estruturas de dominação.

No povoado do Alto dos Coelhos, os episódios envolvendo o bando de Lampião, revelaram tanto o temor quanto uma curiosa ambivalência em relação ao líder cangaceiro, que, por vezes, era visto como uma figura justiceira ou mítica. O estudo também destacou o papel central das narrativas populares na perpetuação da memória do cangaço. Em Alto dos Coelhos, essas histórias continuam vivas, moldando a identidade cultural local e preservando fragmentos de uma história muitas vezes omitida pelos registros oficiais.

Compreender a atuação de Lampião e de seu bando no povoado Alto dos Coelhos (1932 á 1938) exige um olhar atento às múltiplas camadas de significados históricos, culturais e sociais que envolvem o cangaço. Essa abordagem não só enriquece a historiografia regional, mas também valoriza as vozes das comunidades que vivenciaram e preservam a memória desse fenômeno singular. O estudo sobre a atuação de Lampião e seu bando no povoado do Alto dos Coelhos foi enriquecido por uma abordagem metodológica que combinou pesquisa bibliográfica e história oral, integrando as contribuições de diversos autores e vozes locais. Essa interdisciplinaridade foi fundamental para alcançar uma compreensão mais abrangente e contextualizada do fenômeno do cangaço na região. Os referenciais teóricos e históricos fornecidos por autores como João de Sousa Lima e Eric Hobsbawm, como outros estudiosos do cangaço e do banditismo social foram cruciais para interpretar as ações e os impactos de Lampião sob diferentes perspectivas. As obras consultadas trouxeram à tona análises sobre as relações de poder, a resistência popular e os simbolismos que cercam a figura do cangaceiro, permitindo uma base sólida para a contextualização histórica. Por outro lado, a pesquisa oral desempenhou um papel indispensável ao revelar aspectos subjetivos e narrativas locais que

muitas vezes escapam aos registros escritos. Os depoimentos coletados junto a moradores, descendentes e conhecedores da história de Alto dos Coelhos trouxeram uma dimensão humana e afetiva ao estudo. Essas vozes, que carregam memórias vividas ou transmitidas ao longo de gerações, permitiram identificar como a presença de Lampião e de seu bando foi interpretada, ressignificada e incorporada ao imaginário coletivo da comunidade. A integração dessas abordagens foi essencial para compreender não apenas os eventos históricos, mas também as nuances culturais e sociais que definiram a interação entre o bando de Lampião e o povoado do Alto dos Coelhos. O trabalho ressalta a importância de valorizar tanto as fontes bibliográficas consagradas quanto as narrativas populares, que juntas formam um mosaico rico e plural da história do cangaço.

Portanto este trabalho buscou investigar a atuação de Lampião e seu bando no povoado Alto dos Coelhos, no município de Água Branca, Alagoas, com o objetivo de compreender os impactos históricos, culturais e sociais desse episódio na memória local e no contexto mais amplo do cangaço nordestino. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que o cangaço, enquanto fenômeno social, está profundamente enraizado na história e na cultura do sertão, representando não apenas um período de violência e tensão, mas também de resistência e transformação social. No caso específico do povoado Alto dos Coelhos, a passagem de Lampião e de seu bando é carregada de narrativas que misturam fatos históricos e elementos da tradição oral, destacando a riqueza e a complexidade desse tema. Esse recorte permitiu lançar luz sobre aspectos como as relações entre os cangaceiros e a população local, as estratégias de sobrevivência e resistência, bem como os desdobramentos das perseguições realizadas pelas volantes. Este trabalho deixa como legado o convite para que novas gerações de discentes e pesquisadores continuem a explorar os enigmas historiográficos e os eventos fatídicos que envolvem o cangaço no Alto dos Coelhos e em outras localidades do Nordeste. A história local é um elo fundamental para a compreensão da identidade cultural regional, e sua investigação contínua pode revelar novas perspectivas sobre um dos fenômenos mais emblemáticos do sertão brasileiro. Que esta pesquisa inspire outros a desbravar os caminhos deixados por Lampião e a enriquecer ainda mais a historiografia sobre o cangaço.

Por fim ao concluir a pesquisa busco ajudar discentes, que ao precisarem pesquisar sobre a atuação de Lampião e de seu bando no Povoado Alto dos Coelhos, no município de Água Branca AL, procurem também mais fontes bibliográficas disponíveis para concluir novas pesquisas referente a esse tema em questão, para que essa nova geração possa desvendar os enigmas historiográficos e fatídicos a respeito do cangaço nessa localidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

LIMA, João de Sousa. **Terra de brava gente: resquícios de histórias cangaceiras.** Paulo Afonso: Oxente 2020. 120 p.il.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALESSIO, Renata Lira dos Santos. **A representação social da violência na literatura de cordel sobre cangaço.** Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 24, n. 4, p. 1 – 8, dezembro 2004.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Aparência cangaceira: um estudo sobre a aparição como aspecto de poder.** 2013. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BESSA, Antônio Henrique. **Cangaceiros: do sertão nordestino ao cinema brasileiro.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. **Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião.** Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Tocantins, v. 4, n. 4, p. 1-18, out./nov./dez. 2007.

GUIMARÃES, Cláudio. **Histórias do cangaço: vida e morte no sertão nordestino.** São Paulo: Contexto, 2016.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

LAMPIÃO e o cangaço: **trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938).** Revista Escritas do Tempo, v. 2, n. 4, p. 108-132, mar./jun. 2020.

LEVINE, Robert M. **A velha usina: Pernambuco na federação brasileira, 1889-1937.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NETO, Lira. **O inimigo do Rei: uma biografia de Lampião.** Rio de Janeiro: Globo, 2006.

MARTINS, Luciana de Andrade. **Memória, história e literatura de cordel no cangaço.** Salvador: EDUFBA, 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O cangaço.** São Paulo: Ática, 2010.

PORTELLI, Alessandro Aurelio (2016). **A Batalha de Valle Giulia: História Oral e o Ofício de Escutar.** São Paulo: Letra e Voz.

ENTREVISTAS:

LIMA, João de Souza. Entrevista concedida a Sidijane Sandes Silva Oliveira
Água Branca , 17 de Outubro de 2024.

SOUZA, Aldiro Gomes de. Entrevista concedida a Sidijane Sandes Silva Oliveira.
Água Branca , 23 de novembro de 2024.

SOUZA, Aldiro Gomes de. Entrevista concedida a Sidijane Sandes Silva Oliveira.
Água Branca, 25 de Novembro de 2024.